



Implantação de agroflorestas como ferramenta agroecológica da extensão rural no município de José Boiteux, Santa Catarina, Brasil

Implementation of agroforests as an agroecological tool for rural extension in the municipality of José Boiteux, Santa Catarina, Brazil

SOUZA, Deborah Ingrid¹; MELO, Mateus²; ANDRADE, André³; LUNELLI, Matheus Eliaser⁴; VIEIRA, Kauani Yara⁵

¹Autônoma, deborah.agroeco@gmail.com; ²Autônomo, mateusnvm@gmail.com; ³Agricultor, cemearpg@hotmail.com; ⁴Agricultor, matheuslunelli1@gmail.com; ⁵Agricultora, kavieira67@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A implantação de agroflorestas, pela extensão rural, foi vivenciada em José Boiteux, Santa Catarina, Brasil. Utilizou-se métodos da extensão rural como atendimentos, visitas, oficinas, encontros e reuniões, entre os anos de 2017 e 2022, com objetivo de sensibilizar a população local e extensionistas rurais a vivenciarem a agroecologia através das agroflorestas. Foram implantadas agroflorestas e aplicado um questionário de acompanhamento. Constatou-se a transferência extensionista-agricultor nas relações criadas e houve conexão entre instituição de ensino e extensão. Foi verificada a importância do respeito ao tempo das pessoas envolvidas, já que cada agricultor tem suas demandas e entendimentos. As unidades agroflorestais serviram como ferramenta agroecológica na atuação da extensionista rural. Acredita-se que as agroflorestas do município apresentam potencial de aprendizado, especialmente a unidade com a cultura do café, possível fonte de estudo para pesquisa e extensão catarinense.

Palavras-Chave: ecologia; agrobiodiversidade; agricultura familiar.

Contexto

A implantação de agroflorestas, por meio da extensão rural pública, foi vivenciada no município de José Boiteux, localizado na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina, sul do Brasil.

A população rural de José Boiteux soma 65,89% (IBGE, 2010) e é composta principalmente pela agricultura familiar. A principal atividade agrícola do município é a fumiicultura, sendo que quase a totalidade das famílias agricultoras são produtoras de tabaco em sistema convencional de produção.

Ao procurar maneiras de sensibilizar a população para a agroecologia, a extensionista rural Deborah Ingrid de Souza, funcionária da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), vislumbrou as agroflorestas como potencial ferramenta nesse processo. Foram utilizados métodos da extensão rural como atendimentos, visitas, oficinas, encontros, reuniões, e outros, entre os anos de 2017 e 2022.



Descrição da Experiência

José Boiteux está situado em região ocupada originalmente por indígenas da etnia Laklãnõ/Xokleng e posteriormente colonizada por imigrantes europeus. O município traz as marcas da colonização, estando essas tradições presentes na agricultura.

Além das famílias agricultoras que colonizaram esse território, José Boiteux conta com uma Terra Indígena, habitada por três etnias (Laklãnõ/Xokleng, Kaingang e Guarani) e a única comunidade Cafuza do Brasil. Diferentes povos e visões de como se relacionar com a produção de alimentos. Apesar da diversidade cultural presente, observa-se deficiência de agrobiodiversidade nas unidades rurais. A extensão rural pública no município está presente desde 1989, com predominância de extensionistas homens e nascidos na região. Portanto, o cenário conservador, se colocou desafiador para uma mulher extensionista recém-chegada na região atuar no âmbito agroecológico. Deborah iniciou o trabalho como extensionista rural em José Boiteux em junho de 2017, através de visitas e atividades grupais, houve aproximação com as famílias interessadas na temática agroecológica. Com apoio da colega de empresa Marta Pedry, primeira mulher extensionista rural no município, foi possível se conectar às unidades familiares com certificação orgânica e o Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (CEMEAR), atuantes nas ações em agroecologia na região.

Primeira agrofloresta: propriedade de André e Maria

Em julho de 2018 a extensionista em parceria com a Rede Ecovida de Agroecologia e a Escola de Educação Básica José Clemente Pereira promoveram o I Encontro do Campo à Mesa, que contou com a presença de mais de 100 pessoas, entre agricultores, população urbana, estudantes e professores. Nessa oportunidade, entre palestras, trocas de sementes e comidas ecológicas, foi apresentado o episódio 7 “Floresta Comestível”, da série Manual de sobrevivência para o século XXI, que relata a importância e o potencial produtivo das agroflorestas sintrópicas. Ao final do evento, o agricultor orgânico André Braz de Andrade, procurou Deborah e disse que gostaria de implantar uma agrofloresta em sua propriedade. Através dessa atitude foi possível constatar que houve transferência entre extensionista-agricultor, fenômeno que ocorre a partir do momento em que existe um ambiente de confiança mútua, sem haver necessidade de imposição de ideias e a proposta comum flui. A transferência vai além das questões técnicas, quando ela ocorre a família agricultora troca afetos com a extensionista. Na maioria das vezes, quando a demanda parte do(a) agricultor(a) a chance de evolução e aprendizado conjunto é maior. As relações de confiabilidade mútua e co-responsabilidades no exercício da tomada de decisão são as bases para a conquista da autonomia, que condiciona todo o processo (RUAS et al., 2006). Inicialmente, em setembro de 2018, foi semeado um mix de adubação verde na área escolhida pela família. André, sua companheira Maria Lunelli de Andrade e Deborah desenvolveram o croqui com as



espécies e espaçamentos a serem implantados na área. Em dezembro do mesmo ano, a extensionista, em parceria com a Rede Ecovida, organizou um mutirão para realizar a implantação do primeiro terço da área.

A proposta dessa unidade agroflorestal foi produzir alimentos para o consumo familiar, para comercializar na feira do município e nas cestas orgânicas. Além de canteiros com hortaliças, foram implantados canteiros com milho, mandioca, eucalipto, arbóreas nativas e banana. Na segunda parte da área foi semeada uma roça de feijão entre linhas de árvores. Os acompanhamentos de extensão rural através de atendimentos e visitas ocorreram semanalmente. Apesar dos conhecimentos prévios de Deborah sobre manejo agroflorestal, a extensionista e família agricultora foram descobrindo juntos as formas de conduzir o sistema, com a decisão final da família. A unidade agroflorestal recebeu visitas de outros agricultores interessados no sistema, visto que na região do Alto Vale do Itajaí havia apenas uma agrofloresta sintrópica, localizada no município de Ibirama. Para o plantio da terceira parte da área destinada à agrofloresta, em agosto de 2019 organizou-se novamente um mutirão (Figura 1-A), que contou, além dos agricultores da Rede Ecovida, com a presença das mulheres Cafuzas e um jovem agricultor e estudante do curso técnico em Agroecologia, Matheus Lunelli. O senhor André seguiu sendo acompanhado pela extensionista e participou de cursos na área de agroflorestas, o que permitiu troca de experiências e ideias com agricultores de outras regiões, ampliando sua visão do sistema e possibilidades de manejo. A Figura 1-B apresenta a agrofloresta com dois anos e meio.



Figura 1 – Mutirão de implantação da terceira parte da agrofloresta na propriedade de André e Maria (A) e agrofloresta com dois anos e meio (B).



Segunda agrofloresta: propriedade de Matheus Lunelli

O jovem agricultor e estudante, Matheus, que havia participado do mutirão agroflorestal na casa de André, convidou a extensionista Deborah para ser supervisora do estágio final do curso Técnico em Agroecologia pelo Instituto Federal Catarinense (IFC). A extensionista sugeriu desenvolver um projeto de implantação de uma agrofloresta na sua propriedade. Matheus foi orientado a fazer um curso de Introdução a Sistemas Agroflorestais e, além disso, a extensionista o levou para conhecer a agrofloresta do agricultor João Moretti no município de Ibirama – SC. Após a visita inspiradora na propriedade de João, o agricultor e a extensionista decidiram implantar uma agrofloresta focada em café. A ideia veio embasada nos relatos do avô de Matheus, senhor Airton Lunelli, que contou que era comum as famílias de José Boiteux terem roças de café para consumo e venda do excedente. Inclusive, o senhor Airton cultivava junto com seu pai nessa mesma terra em que vive atualmente Matheus.

Após elaboração do desenho do sistema e preparo da área escolhida, em setembro de 2020 organizou-se um mutirão com amigos e familiares de Matheus para a implantação de 600 m² de sistema agroflorestal, onde nas linhas de café continham também mandioca e milho, intercaladas com linhas de árvores com eucalipto, bananeiras e frutíferas nativas, nas bordas de todas as linhas foram plantadas hortaliças e batata doce (Figura 2-B). O jovem agricultor se formou em técnico em Agroecologia e seguiu na propriedade da família com as atividades agrícolas já existentes e o manejo da agrofloresta, participou de oficinas e encontros com temáticas agroecológicas. A extensionista manteve o acompanhamento semanal, através de visitas na unidade, até sua saída do município de José Boiteux, em junho de 2022. Durante o período de aproximadamente dois anos, foi possível observar como as diferentes espécies de plantas se desenvolviam e qual seria o melhor manejo a se adotar. Dúvidas foram surgindo e cada intervenção a ser realizada na área era discutida entre agricultor e extensionista, o que demonstra a transferência na relação, levando a confiança e comprometimento de ambas partes. Além do respeito mútuo, é primordial que os agricultores familiares sejam os verdadeiros protagonistas do processo de desenvolvimento, para que a ação extensionista tenha de fato um caráter educativo e transformador (RUAS et al., 2006). A agrofloresta foi importante para despertar interesse em outros agricultores vizinhos que foram conhecer a agrofloresta, na busca de entender como a convivência de tantas espécies diferentes permite otimizar o desenvolvimento do sistema. Além disso, essa área serve como unidade de observação para outros extensionistas e pesquisadores, inclusive para a tendência ao retorno da cultura do café e produção de cafés especiais em Santa Catarina, já que o modelo agroflorestal visa favorecer o desenvolvimento deste produto. A Figura 2-B apresenta a agrofloresta com um ano e sete meses.

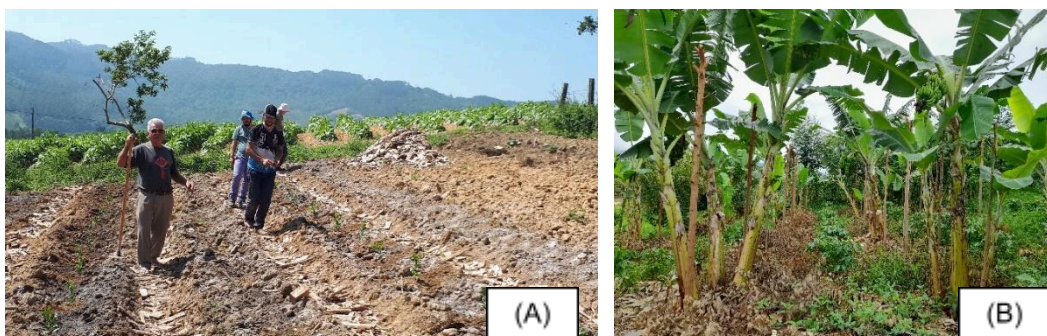


Figura 2 – Mutirão de implantação de agrofloresta com café na propriedade de Matheus (A) e agrofloresta com um ano e sete meses (B).

Terceira agrofloresta: Comunidade Cafuza

A Comunidade Cafuza conta com um grupo de mulheres que, há muitos anos, se reúnem para se ajudar em suas diferentes demandas, sendo a agricultura o principal motivo dos mutirões, também conhecidos como pixurum, entre os cafuzos.

Após a participação das cafuzas no mutirão na casa do senhor André, a extensionista Deborah, encontrou espaço para desenvolver atividades dentro da comunidade Cafuza. Foram diversas atuações como oficinas de alimentação consciente, encontros de troca de sementes e mudas, reuniões (Figura 3-A), além da execução do Projeto Fomento do Governo Federal, para famílias em vulnerabilidade social.

A comunidade conta com uma área de uso coletivo, naquele momento sem utilidade. Para esse espaço, no início de 2022, projetou-se coletivamente com auxílio da extensionista a proposta de desenho para implantação da agrofloresta. Por conta da saída de Deborah do município, não houve tempo de realizar o plantio das espécies escolhidas. Em seu último dia de trabalho com a extensão rural em José Boiteux, a extensionista achou oportuno organizar um momento de troca de saberes e sabores com o grupo de cafuzas (Figura 3-B). Na ocasião foi entregue a elas o desenho da agrofloresta, doado sementes crioulas para multiplicação na comunidade, tomaram café juntas e trocaram afetos. Os trabalhos desenvolvidos com a comunidade, mesmo não tendo se manifestado diretamente em uma agrofloresta naquele período, foram extremamente importantes para resgatar as antigas formas genuinamente agroecológicas de se cuidar da terra, dos alimentos e das pessoas. Um alento para um povo que vem sucumbindo.



Figura 3 – Grupo de mulheres da Comunidade Cafuza (A) e troca de sementes, saberes e sabores (B).

Aplicação de questionário de acompanhamento das agroflorestas

A estudante de Técnico em Agroecologia do IFC, Kauani Vieira, após ter visitado a agrofloresta de Matheus, procurou a extensionista Deborah para supervisionar o estágio obrigatório do curso. Juntas decidiram desenvolver um questionário de acompanhamento socioambiental para ser aplicado, através de entrevista aos agricultores com agrofloresta em José Boiteux. O questionário foi aplicado em maio de 2022, contou com perguntas fechadas e abertas (Figura 4). Uma das questões discursivas pedia para responder com três palavras o que representa a agrofloresta, André respondeu: “Comida na mesa”, Maria por sua vez iniciou contando sobre o encantamento em caminhar na agrofloresta com a neta de 5 anos e chegou às seguintes palavras: saudável, potência e brotação. Matheus disse que as três palavras que o faziam lembrar de agrofloresta são: saudável, natural e sustentável. Foi uma oportunidade para dar voz ao que cada agricultor com seus diferentes desenhos agroflorestais, diferentes idades, ou seja, expressão do conhecimento em que os sujeitos são ativos para transformar a realidade então confrontada. A extensão como educação apresenta “caráter reflexivo”, implicando um contínuo “ato de desvelamento da realidade” e nela está implícito o desafio que impulsiona a busca da solução conjunta (FREIRE, 1987).



Figura 4 – Aplicação do questionário pelo estudante Kauani à André e Maria.



Resultados

A experiência de cinco anos da extensionista rural Deborah trabalhando no município de José Boiteux, se mostrou desafiadora diante do cenário conservador. As propostas de agrofloresta se tornaram combustível para que outras ações com agroecologia fossem disseminadas no território. Foi constatada a transferência extensionista-agricultor nas relações criadas com aqueles que se interessaram pela agrofloresta e as demais práticas agroecológicas. Acredita-se que os encontros e intercâmbios entre agricultores agrofloresteiros podem potencializar esse aprendizado.

Houve conexão entre instituição de extensão e ensino, através dos estágios de dois alunos do curso de Técnico em Agroecologia, em que estudantes puderam vivenciar a prática dos conteúdos vistos em sala de aula. Os mutirões agroflorestais permitiram aproximação da extensionista com os agricultores envolvidos, fato comprovado com a ligação criada entre extensionista e comunidade Cafuza. As unidades agroflorestais implantadas no município de José Boiteux serviram como ferramenta agroecológica na atuação da extensionista rural Deborah. Acredita-se que as agroflorestas presentes no município apresentam potencial de estudo, especialmente a unidade de Matheus, já que a cultura do café é potencial fonte de estudo para pesquisa e extensão catarinense.

Agradecimentos

Agradecimentos à Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), à Rede Ecovida de Agroecologia núcleo Vale do Itajaí e ao CEMEAR, aos agricultores e agricultoras, e aos alunos do curso Técnico em Agroecologia do Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Rio do Sul.

Referências bibliográficas

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 02 de ago. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RUAS, Elma Dias et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável** – MEXPAR. Belo Horizonte, março 2006. 134p.